

## HG 304 – Teoria do Conhecimento I

Graduação, 1º semestre de 2024

**Prof. Silvio Seno Chibeni**

### Prova 2

(21/6/2024)

#### Observações:

- Esta prova versa sobre tópicos vistos em aula até o dia 14/6.
- Consulta permitida somente a material impresso não compartilhado.
- Responda de forma *objetiva*. Em cada resposta, dê a referência exata dos textos relevantes, usando a convenção internacional adotada na disciplina (edições recentes da OUP indicadas no site).
- Seja sucinto, mas não esquemático. Cuide para que cada sentença faça sentido completo e seja compreensível por uma pessoa que não conheça o assunto. Indique o número da questão e os *sub-itens* que está respondendo. Não responda em bloco.

#### Questões:

1. Na seção 4 da *Investigação sobre o Entendimento Humano* (EHU), Hume traça a distinção entre *relações de ideias* e *questões de fato*. Exponha essa distinção, explicitando os dois critérios utilizados para traçar a distinção (critérios epistêmico e modal). Dê dois exemplos de cada (diferentes dos dados por Hume).
2. Suponha que você ganhou um anel de ouro puro. Assuma a posição de Hume e responda as seguintes questões sobre a *relação de causa e efeito*. Verificando a cor amarela, o peso, o brilho, a dureza, maleabilidade e demais propriedade aparentes desse objeto, você poderá, *a partir desse conhecimento*, saber se ele se queimará se for colocado no fogo? Justifique sua resposta localizando e apresentado o argumento dado por Hume. {Curiosidade: Esse é o exemplo favorito de Locke para ilustrar uma tese epistemológica sobre questões de fato muito parecida com a de Hume; na época, a pergunta era expressa nos seguintes termos, em filosofia natural: “O ouro é fixo?”, fixidez sendo a propriedade de permanecer no fogo sem ser consumido, ou seja, sem queimar ou sofrer qualquer outra alteração. Analisando o ponto, Locke chega a conclusões parecidas com as de Hume, *mutatis mutandis*.}
3. Segundo Hume, qual é a única forma de determinar se o seu anel queima no fogo (ou, em termos gerais, se “o ouro é fixo”, na linguagem de Locke)? Explique sua resposta, com referência explícita ao exposto por ele nos parágrafos EHU 4.6 a EHU 4.10.

4. Acontece que você estima muito o anel, e não quer seguir o que sua resposta precedente indica que deve fazer, segundo Hume, para saber se ele é “fixo”. Decide então consultar um químico. Suponha que ele lhe dê a seguinte resposta: “eu *sei* que o ouro é fixo, mesmo sem colocar o seu anel no fogo, porque objetos de ouro são formados por átomos de tal tipo, com tais e tais elétrons em suas camadas externas, e segundo a teoria química aceita, átomos desse tipo não reagem com átomos de oxigênio.” Assuma que essa resposta esteja correta do ponto de vista científico (de fato está). Como um epistemólogo humeano compatibilizaria essa resposta com o ponto fundamental da teoria epistemológica de Hume, objeto da questão precedente?
5. Considerando o que o químico lhe respondeu, mas, imbuído do espírito humeano, você se encoraja e decide “checar” a resposta dele *fazendo* o que Hume diria que tem de ser feito para se obter “evidência” *direta* (EHU 4.3) acerca da tese em questão: você coloca o anel de ouro na chama de uma vela várias vezes; depois na chama do fogão várias vezes; na chama de uma fogueira várias vezes, sempre com o mesmo resultado: o anel não queima ou sofre qualquer alteração. Agora o químico entra no jogo e coloca o anel em um bico de Bunsen (um tipo de queimador usado pelos químicos). Você infere que, de novo, o anel não será queimado. a) Essa inferência (previsão) pode ser *demonstrada* (no sentido técnico da epistemologia moderna) a partir da experiência que você teve anteriormente? b) Há algum outro “raciocínio” ou “processo do entendimento” que possa justificar essa extensão da experiência passada para o novo caso? Explique suas respostas fazendo referência explícita aos parágrafos relevantes da seção 4 da *Investigação*.

### Correção

1. a) Todos os objetos da razão ou investigação humana podem ser divididos em *relações de ideias* e *questões de fato* (EHU 4.1). Segundo um critério *epistemológico*, proposições sobre relações de ideias são aquelas cuja verdade pode ser determinada por intuição ou demonstração, enquanto as que expressam questões de fato são conhecidas apenas por observação (experiência). Segundo um critério *modal*, as primeiras são *necessárias* e as segundas *contingentes* (EHU 4.1, 4.2). b) Exemplos: o princípio de que o todo é maior do que as partes e o teorema de Pitágoras expressam relações de ideias (conhecidas, respectivamente, por intuição e demonstração); que Napoleão foi derrotado na batalha de Waterloo e que a Terra tem apenas um satélite natural são questões de fato (conhecidas por experiência, ou seja, pelo que observamos no mundo real).
2. Não. Dizer que o fogo queima o ouro é dizer que o fogo é a *causa* da combustão do ouro, ou que ele tem o poder causal de queimar o ouro. Mas a observação das qualidades sensíveis dos corpos em geral não revela nenhum poder causal, não indica nenhum efeito, conforme Hume argumenta em E 4.6 e seguintes: “O conhecimento dessa relação [causal] não é, em nenhum caso, obtido mediante raciocínios *a priori*; mas surge inteiramente da experiência, quando encontramos que [dois] objetos particulares quaisquer estão constantemente [regularmente] conjugados um ao outro.” (EHU 6). O argumento dado por Hume para essa tese é que podemos, sem incorrer em contradição, conceber qualquer coisa como sendo o efeito de qualquer outra. Isso significa que é *possível* que qualquer coisa seja o efeito de qualquer outra. Portanto, nenhum efeito é consequência *necessária* de sua causa. Finalmente, dada a interligação entre os critérios epistemológico e modal de que trata a questão 1, o conhecimento de causas e efeitos não é *a priori*, ou seja, obtido por intuição ou demonstração, a partir unicamente do exame das ideias envolvidas (E 4.6-10, T 1.3.6.1). Para ilustrar o ponto, Hume nota que quando os objetos em questão são inteiramente novos na nossa experiência, ou são muito complexos, fica clara a nossa incapacidade de estabelecer *a priori* uma relação causal (ou sua inexistência) entre eles (EHU 4.7). Esse também seria o caso de Adão, ao ser colocado no mundo, sem nenhuma experiência, com relação a quaisquer objetos (EHU 4.6; Abstract 11 e 12).
3. Como indicado na citação de EHU 4.6 feita na resposta precedente, o conhecimento da existência de uma relação causal surge exclusivamente da experiência da conjunção constante, ou regular, de dois objetos ou eventos. No caso em foco, para sabermos se o ouro é ou não fixo, temos, pois de colocar objetos de ouro – o nosso anel, por exemplo – no fogo, repetidamente (e de preferência variando o tipo de fogo e a amostra de ouro testada), para ver se em todos os casos ocorre a combustão. (No caso, sabemos, por experiência, que não há esse efeito, ou seja que há o efeito oposto: o ouro *não* é consumido pelo fogo; mas o fato de o efeito aqui ser “negativo” não importa para a tese geral

em análise; combustão e não-combustão são dois eventos possíveis, *a priori*; e somente a experiência mostra qual deles de fato é o efeito de colocar ouro no fogo.)

4. O químico afirma que o ouro é fixo, ou seja, não queima no fogo, com base em seu conhecimento da *teoria* química atual. Aparentemente, se isso estiver certo – e está – teríamos um contra-exemplo da tese de Hume que todo conhecimento de relações causais depende da experiência da conjunção regular de objetos ou eventos. Ora, na verdade, a resposta do químico *não* conflita com essa tese epistemológica, porque se procuramos pelos fundamentos que sustentam a dita teoria química, certamente encontraremos inúmeras evidências *experimentais*, não necessariamente diretamente sobre a fixidez do ouro, mas que em seu conjunto poderiam ser interpretadas dentro da epistemologia humeana sobre conhecimento de questões de fato. (Em filosofia da ciência estuda-se como se dá o suporte empírico das teorias; hoje é consenso que as relações entre teoria e experiência são muito complexas, em cada caso histórico; mas tal complexidade não invalida a aplicação da tese epistemológica geral de Hume ao conhecimento científico.)
5. a) Não. Embora a inferência sobre o novo caso seja correta, ou seja, o anel sairá intacto da tentativa de queimá-lo no bico de Bunsen, segundo Hume ela *não* pode ser demonstrada, ou seja, baseada em raciocínios *a priori*, mesmo quando levamos em conta a experiência passada da conjunção constante de ouro colocado no fogo e ele sair sem ser queimado (EHU 4.15). O argumento principal de Hume para essa importante tese é exposto em EHU 4.18: se houvesse aqui uma demonstração, não seríamos capazes de sequer “conceber distintamente” um resultado contrário (ou seja, por exemplo, o ouro queimar, ou se transformar em prata, etc.). Mas é justamente o contrário: *a priori* é possível conceber qualquer coisa acontecendo ao pôr o ouro no fogo; logo, pela interligação entre os critérios modal e epistemológico, não se trata aqui de demonstração (nem, ainda menos, de intuição). b) Não. Esta é a mais original das teses de Hume quanto ao conhecimento da relação causal: não apenas as inferências causais não são demonstrativas, mas *nenhum* outro argumento ou processo do entendimento (EHU 4.15) pode lhes dar suporte. Hume estabelece este ponto mediante um dilema (EHU 4.18): raciocínios teriam de ser ou demonstrativos ou “morais”, ou seja, acerca de questões de fato e existência. Mas esta segunda opção está também bloqueada, pois tais raciocínios fundam-se na relação de causa e efeito (EHU 4.4), que a seu turno funda-se na conjunção regular dos objetos. Ora o que está em jogo aqui é justamente a extensão dessa conjunção para um novo caso (ou para todos os casos futuros); portanto argumentar que esse ponto se funda na relação de causa e efeito é “begging the question” (EHU 4.21), ou seja, é argumentar em círculos, o que evidentemente não é permitido em filosofia (argumentos circulares são *irrelevantes*, ou seja, não estabelecem o que se pretende estabelecer). Logo, ambos os ramos do dilema estão bloqueados, e as inferências causais não podem ser entendidas como racionais, baseadas em processo do entendimento.